

FERNANDO PESSOA

MENSAGEM
E OUTROS POEMAS
SOBRE PORTUGAL

edição

Fernando Cabral Martins

Richard Zenith

ASSÍRIO & ALVIM

Portugal, enquanto terra natal a que se sentia irrevogavelmente ligado, surge nos primeiríssimos versos compostos por Fernando Pessoa, aos sete anos de idade. Receando que a mãe não o levasse para África, onde iria viver com o segundo marido, recitou-lhe uma quadra em que os três versos iniciais de declaração do amor pela pátria estabeleciam a bitola para o amor ainda maior que sentia por ela:

Ó terras de Portugal,
Ó terras onde eu nasci,
Por muito que goste delas
Ainda gosto mais de ti.

Também foi viver para África, crescendo numa colónia militantemente *British* e tornando-se, com orgulho, bilingue e bicultural. Convencido de que a tradição literária em língua inglesa era a mais rica do mundo, o seu sonho era inserir-se nela. Em contrapartida, a propaganda pró-inglesa publicada nos jornais de Durban e a doutrinação recebida na Durban High School (onde os alunos eram obrigados a ler uma *Selection of English Patriotic Poetry*) não encontraram qualquer acolhimento no adolescente português.

Em vez de se identificar minimamente com o Império Britânico, que o acolhera generosamente, tratando-o pratica-

mente como se fosse um cidadão inglês, Pessoa criticava acerrimamente a sua atuação política. Simpatizava com os bóeres, achando injustificada a guerra contra este povo que levou à África do Sul mais de 200 000 soldados britânicos entre 1899 e 1902. Simpatizava também com os irlandeses, amarguradamente revoltados contra o país vizinho que ainda os governava.

É em poemas que Pessoa revela as suas atitudes face ao imperialismo britânico. No primeiro semestre de 1905, escreveu quatro sonetos que castigavam não só a política internacional do governo inglês mas também a maneira como os jornais ingleses rejubilavam com as derrotas que os russos então sofriam na guerra contra o Japão, aliado da Inglaterra. Assinando-se C. R. Anon, Pessoa enviou três desses sonetos para o *The Natal Mercury*, que preferiu não os publicar. A solidariedade de Anon-Pessoa com os bóeres, os irlandeses e os russos prendia-se, sem dúvida, com o ressentimento luso decorrente do *Ultimatum* britânico de 1890, que obrigou os portugueses a renunciar, no espaço de 24 horas, a toda e qualquer pretensão de soberania sobre uma vasta área geográfica entre Moçambique e Angola. Pessoa, no entanto, também não amava o imperialismo português. Amava muito Portugal e orgulhava-se do feito das descobertas, mas com a passagem dos anos foi-se convencendo de que as colónias eram simultaneamente um sintoma e um fator agravante da tão longa decadência nacional.

Os poemas de Pessoa sobre Portugal são ora combativos e panfletários, ora imbuídos de um tom que oscila entre

AO INFANTE

Senhor, a obra fica e o homem passa.
Mas a obra é o homem. Só estas canções
No fundo incerto e oceânico da raça
E anónimos, mortos¹ corações.
Em torno a mim, se de mim mesmo corro
O som ruído da onda e as praias toco
Do Largo no abismo do meu ser,
Pairam as naus perdidas que encontraram
O por-achar e em mares se abismaram
Para além do Regresso e do Esquecer.

Parte quem fica quando a Alma manda.
Em mil naus a Vossa alma reviveu
E no universo, de uma a outra banda
Do que se achou e que se conheceu,
Vossa Presença Eterna violou
As portas de ouro com que Deus fechou
O oriente de luz e o ocaso morto...
Vosso espírito ainda nos consuma
E obre as novas naus em nós a suma
Vitória de não terem nunca um porto.

[1921?]